

## VIVA SÃO PEDRO! SEMIÓTICAS DAS PAISAGENS FESTIVAS EM FORTALEZA-CE

*¡Viva São Pedro! semiótica de los paisajes festivos en Fortaleza-CE*

Lucas Bezerra Gondim<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda o festejo de São Pedro dos Pescadores que ocorre em Fortaleza-CE. Diante da dimensão das teorias em torno dos festejos religiosos, se faz necessário observar a formação das paisagens festivas e a semiótica que constitui e dá sentido à estas paisagens. Uma vez que este trabalho fez parte de uma pesquisa de maior dimensão realizada pelo Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos - LEGES, as vivências apresentadas aqui são relatos dos participantes do festejo e da vivência da festa entre os anos de 2013 e 2015 para a conclusão da investigação, e, 2016 a 2019 devido a continuidade da pesquisa. A festa de São Pedro dos Pescadores foi escolhida como cerne investigativo porque no período em que esta pesquisa teve início, a festa era o único patrimônio imaterial registrado pelo município de Fortaleza. Assim, identificar os símbolos e signos presentes na manifestação se mostrou potencialmente interessante para observar esta representatividade para a população de Fortaleza, avaliando o processo de registro patrimonial. Desta forma, através da vivência da festa, buscou-se compreender as imagens que perpassam a construção da festa religiosa e como estas ganham significado através das vivências dos participantes do festejo e sinalizam a ritualística da manifestação. Para tanto, o estudo se apoia num diálogo entre a Geografia Cultural e a Antropologia, buscando perceber as nuances do festejo e do processo de formação da paisagem festiva.

**Palavras-chave:** São Pedro; Paisagens festivas; Semiótica; Geografia Cultural

### RESUMEN

Este artículo aborda la celebración de São Pedro dos Pescadores que tiene lugar en Fortaleza-CE. Frente a la dimensión de las teorías en torno a las celebraciones religiosas, es necesario observar la formación de los paisajes festivos y las semióticas que constituyen y dan sentido a estos paisajes. Dado que este trabajo fue parte de una investigación mayor realizada durante la conclusión de la maestría, las experiencias aquí presentadas son relatos de los participantes de la celebración y la vivencia de la fiesta entre los años 2013 y 2015 para la conclusión del curso, y, 2016 a 2019 debido a la continuidad de la investigación. La fiesta de São Pedro dos Pescadores fue elegida como núcleo de esta investigación porque en el período en que se inició esta investigación, la fiesta era el único patrimonio inmaterial registrado por el municipio de Fortaleza. Así, identificar los símbolos y signos presentes en la manifestación resultó ser potencialmente interesante para observar esa representatividad para la población de Fortaleza, evaluando el proceso de registro patrimonial. De esta manera, a través de la experiencia de la fiesta, buscamos comprender las imágenes que impregnan la construcción de la fiesta religiosa

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia – PROPGEU/UFC.  
E-mail: lucasgeoufc@gmail.com.

y cómo adquieren sentido a través de las vivencias de los participantes de la celebración y señalan la ritualidad de la manifestación. Por lo tanto, el estudio se basa en un diálogo entre la Geografía Cultural y la Antropología, buscando comprender los matices de la celebración y el proceso de formación del paisaje festivo.

**Palavras-clave:** São Pedro; Paisajes festivos; Semiótica; Geografia Cultural

## **Introdução**

O presente artigo configura parte da dissertação que abrange uma temática maior, constituída por esta pesquisa que é apresentada aqui. A investigação foi defendida em 2014, vinculada ao Laboratório de Estudos Geoeducacionais e Espaços Simbólicos (LEGES), da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa teve 2 anos de desenvolvimento e contou com vivências de campo no período denominado pré-festa, durante a festa e no pós-festa no decorrer deste recorte temporal e, também, após a conclusão do mestrado, no período pré-pandêmico. Para compreender a construção da festividade e contextualizar a manifestação ao local, se faz necessário um breve histórico do recorte espacial do bairro e adjacências em que a festa ocorre.

O bairro do Mucuripe situa-se na zona leste do litoral de Fortaleza, sendo caracterizado por seu forte fluxo turístico, abrigando uma densa rede hoteleira próxima ao litoral — o qual é utilizado como fator de atração para o turismo. Contudo, o bairro não se restringe somente à zona litorânea, de modo que há várias concentrações populacionais mais distanciadas da praia, como a comunidade do Riacho Maceió e o Morro de Santa Terezinha que também constituem a dinâmica urbana do bairro. Além da atividade turística, este recorte espacial conta com a presença de bens patrimoniais tombados e registrados que legitimam e (re)constroem a memória e os traços culturais dos moradores do entorno.

O recorte temporal que compreende o início do século XIX e a primeira metade do século XX demonstra o momento em que os moradores do bairro Mucuripe viviam numa vila de pescadores densamente povoada localizada próximo à costa. Isso fomentou a reconstrução e manutenção da cultura do local com atividades vinculadas ao mar, como a pesca artesanal, a pesca de mariscos, a prática do bordado e dos labirintos, o que comprova a afirmação de Ramos (2003, p.59), de que “em Mucuripe, uma ponte invisível liga os homens ao mar”. Mesmo no momento presente, esta prática se mantém como principal renda de muitos moradores. Dessa forma, a pequena colônia de pescadores, com sua paisagem marcada por coqueiros e casas de taipa à Beira Mar foi ganhando seus primeiros contornos e se expandindo durante o início do

século XIX (RAMOS, 2003, p.60). Na figura 1, podemos observar algumas casas na faixa de praia, local onde moravam muitos pescadores e representava onde as jangadas permaneciam.

Figura 1: Faixa de praia do Mucuripe em meados do século XX.



Fonte: Miguel Ângelo de Azevedo, 1961.

Uma série de acontecimentos impulsionou a expansão do Mucuripe, dentre os quais podemos destacar que “foi durante a seca de 1877-1879, que a população do Mucuripe começou a se expandir, com a chegada dos primeiros retirantes vindos do interior do Ceará” (SILVA, 1992, p. 29). Porém, foi durante os anos de 1930, que a urbanização no local se deu rápida e desordenadamente. Devemos indicar que o aumento populacional pelo qual Fortaleza passou durante a terceira década do século XX foi devido ao intenso fluxo de migrantes ocasionado por condições de ordem climática (como as secas ou as cheias) e social, principalmente referente à estrutura fundiária (SILVA, 1992).

Um marco na história do bairro, ocorrido ainda na década de 1930, foi a realização do primeiro festejo, no ano de 1932, em homenagem ao santo escolhido pelos pescadores para representar seu protetor quando saem ao mar em busca do sustento do dia a dia: São Pedro dos Pescadores. A história do lugar e do modo de vida dos moradores faz com que o sentimento de pertencimento, o sentir-se parte do lugar, seja reconstruído e reafirmado através da tradicional festa em reverência ao apóstolo fundador da Igreja de Cristo. Esses costumes representam a identidade do “mucuripeiro” (RAMOS, 2003). Com o decorrer dos anos, o local foi modificado e se moldaram novos traços culturais percebidos na paisagem. A construção do porto do Mucuripe nos anos de 1940 deu um novo impulso no processo de uso e ocupação do bairro.

Essas transformações no espaço vivido dos moradores foram marcantes: “antes, um povoado distante de pescadores, agora, uma zona industrial de fácil acesso devido às melhorias no sistema viário e na implantação da via férrea Parangaba-Mucuripe na segunda metade do século XX” (RAMOS, 2003, p. 57), potencializando as relações econômicas do bairro com os demais bairros de Fortaleza no sentido litoral — sertão. A rápida instalação da atividade industrial no início dos anos de 1950 ocorrida no Mucuripe fez com que muitos moradores saíssem de suas residências para buscar moradias com preço mais acessível, devido ao aumento da especulação imobiliária. Deste modo, como nos afirma Ramos (2003, p.64), “[...] é de se prever que somente se manterão fiéis à profissão [de pescador], aqueles dedicados a ela desde a infância por força da conveniência diária com seus labores”.

### **Festa de São Pedro dos pescadores**

A festa de São Pedro dos Pescadores ocorre anualmente e tem início no dia 27 de junho, se estendendo até o dia 29 do mesmo mês. Estes três dias de festejo, chamados de tríduo, são destinados à adoração e preces ao santo que abençoa e protege a grande comunidade de pescadores que reside nos bairros adjacentes do bairro Mucuripe.

O início do ritual, nos dois primeiros dias do tríduo (27 e 28 de junho), conta com uma pequena reflexão do pároco que conduz o ritual sobre a história de Pedro, mostrando sua fidelidade a Jesus até sua representatividade como primeiro Papa da igreja católica. A mediação destaca a forte relação identitária dos moradores com a santidade e o desenvolvimento da orla de Fortaleza, marcada, principalmente naquele recorte espacial, pela prática da pesca. Dando continuidade à celebração, evidenciam-se músicas em louvor ao santo com ênfase sobre a doação de São Pedro dos Pescadores como ferramenta de Jesus na pregação do evangelho e na pesca das almas, enquanto portador da chave do céu.

Segundo a Bíblia Sagrada (1991), Pedro — precisamente Simão Pedro — compunha o grupo de pescadores que estiveram presentes em episódios marcados na mitologia cristã como a primeira e a segunda pesca milagrosa. O primeiro milagre ocorreu quando Jesus estava na região do Mar da Galileia, onde pregava a palavra da salvação para algumas pessoas próximas à margem. Ao avistar dois barcos (um deles guiado por Pedro), Jesus pede para entrar numa das embarcações, onde retorna a pregar para os que formavam a tripulação.

Com o auxílio do Evangelho de Lucas, descreveremos os dois milagres presenciados por Pedro. Ao chegar ao barco, Jesus falou para Pedro: “Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para a pesca” (Lc 5.4), o pescador respondeu instintivamente: “Senhor, tendo trabalhado

toda a noite, nada apanhamos; porém sobre a tua palavra lançarei as redes” (Lc 5.5). Lançando o material ao mar, apanharam uma quantidade enorme de peixes, ao ponto de a rede ficar prestes a rasgar, necessitando ajuda de outro barco para levá-los até a terra firme. Após presenciar o primeiro milagre da pesca, depois de dias sem conseguir pescar um único peixe sequer, Pedro se dirigiu a Jesus e disse: “Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador”; e Jesus respondeu: “Não temas, de ora em diante serás pescador de homens”. Então, Pedro e os outros pescadores que estavam no período do milagre, largaram tudo que haviam vivido e passaram a seguir Jesus.

A segunda pesca milagrosa ocorreu também no mar da Galileia, após a ressurreição de Jesus. Este episódio é descrito no Evangelho de João. Com a morte de Jesus, os pescadores de homens voltaram a pescar peixes. Após alguns dias sem conseguir nenhum peixe, um dia após Jesus ressuscitar, Simão Pedro decidiu pescar, sendo acompanhado pelos outros discípulos e por um desconhecido. Após várias tentativas sem êxito, eis que o desconhecido pergunta se os pescadores tinham comida, todos negaram. Então o homem diz: “Joguem a rede do lado direito da barca, e vocês acharão peixe” (Jo 21.6). Pedro acata a sugestão do estranho e quando se dá conta, a rede começa a ficar mais pesada. Não podiam acreditar na abundância de peixes, ao ponto de outro barco ajudá-los a transportar os peixes novamente. Olhando aquele milagre realizado, os discípulos ficam admirados e um deles grita: “É o Senhor!”. Esta pesca está representada na Bíblia como a pesca dos 153 peixes. Além destes dois episódios, relembremos que Simão Pedro, segundo a história eclesial, atravessa/enfrenta o mar para erguer a igreja. Dessa forma, Pedro vivencia o potencial perigo advindo do mar revoltado para propagação da fé dos cristãos.

Tocamos neste ponto do saber mítico sobre São Pedro dos Pescadores para observarmos a presença dos mitos nas sociedades contemporâneas, inclusive no recorte espacial investigado. Além disso, evidenciar as motivações da forte relação dos pescadores com o santo, que, enquanto um pescador, vivia um cotidiano semelhante ao dos moradores do Mucuripe e foi escolhido por Jesus para se tornar pescador de homens.

Os moradores do bairro Mucuripe no início do século XX se constituíram, em sua maioria, como pescadores e pessoas que viam na imagem do mar sua fonte de renda, como as labirinteadas. A identificação com São Pedro, o pescador de homens, se reconstrói e o ritual se mantém há 83 anos.

O louvor ao santo continua durante o tríduo. A estética da igreja tem ao centro do altar São Pedro dos Pescadores. Durante a missa, ocasionalmente percebemos alguns confrontos

sonoros. Carros seguindo pela avenida disparando buzinas por conta do trânsito, apresentações musicais nos restaurantes vizinhos à capela, dentre outros ruídos. Mas isto não atrapalha o andamento da manifestação. O Padre Fernando— pároco que celebrou a missa no dia 27/06/14 — explicou, por diversas vezes, o registro da festa e o tombamento da igreja de São Pedro dos Pescadores. O pároco alerta para a necessidade da manutenção do festejo pelos próprios devotos e participantes durante a celebração, não para que o patrimônio se cristalice enquanto algo intocável, mas que seja preservado e utilizado pela população.

A missa continua com a devoção a São Pedro dos Pescadores, quando percebemos alguns pescadores com roupas típicas do pescador do Mucuripe, do período em que o bairro ainda era uma comunidade de pescadores. No caso, um pano grosso de coloração marrom, para evitar as queimaduras por estar tanto tempo sujeito à insolações. Também percebemos, principalmente com as entrevistas realizadas, muitas famílias de pescadores, principalmente esposas, agradecendo e pedindo ao santo que seus companheiros vão e voltem em paz com seus parceiros do mar.

Um símbolo forte nesta manifestação encontra-se fora da igreja: uma jangada em meio à calçada da Avenida Beira Mar com uma foto de São Pedro estampada na sua vela. Além do poder simbólico deste objeto, a jangada configura um ponto de encontro de alguns pescadores, que preferem celebrar a devoção pelo santo protetor daquele mesmo local e não na igreja. Aproximadamente cinco pescadores conversavam em cima da jangada. Após a aplicação das entrevistas, pudemos ter alguns minutos de conversa informal com todos. Os que se encontravam ali disseram que preferem realizar suas preces e agradecimentos na jangada em frente ao mar.

É necessário destacar que vários pescadores ali presentes vivenciaram as mudanças ocorridas no bairro até o final do século XX, visto que todos moram nas proximidades e já pescavam há pelo menos 30 anos. Quando questionados sobre a cultura mucuripense antes da expansão descontrolada do turismo do bairro Mucuripe, um senhor de 68 anos respondeu: “Ah! Meu filho, era muito melhor antes disso tudo. Embora a gente vendesse menos peixe do que hoje, a vida era muito melhor, esse lugar aqui praticamente não tinha violência, se for comparar com hoje...”. Observamos nas conversas com os pescadores entrevistados, que residem no bairro há mais de 20 anos, um sentimento nostálgico do período em que o bairro tinha outra configuração socioespacial.

Durante a missa, o padre citou uma informação que pode, segundo ele próprio, comprometer a situação da festa enquanto patrimônio. A igreja de São Pedro dos Pescadores

possui uma dívida adquirida antes do seu tombamento e até hoje precisa prestar contas com a Prefeitura de Fortaleza. Em junho, houve um desentendimento entre a organização do templo e o órgão responsável pela cobrança. Dessa forma, a igreja realizou rifas e vendeu livros e camisas para sanar a dívida e garantir a segurança do bem patrimonial.

O padre relembra, durante a missa, o problema da dívida e as alternativas promovidas pela organização da igreja, incentivando os devotos a participarem. Essa dívida consiste na taxa de ocupação do solo na área da Marinha, referente a uma quantia de 300 mil reais. A Igreja de São Pedro dos Pescadores paga mensalmente 2 mil reais, com muita dificuldade, segundo o Padre Alderi. Contudo, esta taxa de ocupação é impossibilitada de ser submetida a isenção, pois diferentemente do caso do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), não existe legislação que dê assistência ao santuário.

A exaltação de Pedro, enquanto um servo de Jesus, é notória. Durante o sermão, o pescador de homens é o protagonista, como um exemplo aos devotos. Um homem que mesmo desconhecendo a identidade do Senhor, o obedece e segue sua palavra. Os comparativos feitos pelo padre entre o pescador de homens e os devotos fortalece o laço identitário dos fiéis com o santo protetor e aproxima o seu cotidiano da história de Pedro.

No dia 29 de junho, último dia de manifestações e clímax do festejo, a paisagem produzida na festa é totalmente distinta dos outros três dias. As comemorações reverenciando São Pedro dos Pescadores se iniciam às oito horas da manhã. A Prefeitura de Fortaleza disponibiliza um pequeno palco onde é montado o altar e uma tenda para abrigar os fiéis, se construindo uma infraestrutura minimamente adequada para ocorrer a Missa Campal em homenagem ao santo.

Esta celebração ocorre fora da igrejinha, no calçadão da Avenida Beira Mar, próximo aos barcos que permanecem na areia, esperando a próxima saída ao mar. A superioridade da dimensão da festa neste dia em relação aos festejos empreendidos no passado é gritante em vários aspectos, mas a superior quantidade de devotos é um dos pontos que chama mais atenção. Observando a festa, pode-se afirmar que a quantidade de participantes do festejo somente no dia 29 é igual, senão superior à dos devotos dos outros dois dias de festa somados (Figura 2).

Figura 2: Missa campal da festa de São Pedro dos Pescadores



Fonte: acervo do autor, 2014

Ao ponto em que o sol ilumina a orla, pode-se vislumbrar a pequena procissão com alguns pescadores trajados com roupas típicas dos primórdios daquela comunidade pesqueira, juntamente com os organizadores do festejo e alguns fiéis carregando o andor onde está a imagem de São Pedro dos Pescadores. O trajeto do movimento chega até onde ocorre a missa campal, então a imagem de São Pedro dos Pescadores é recebida pelo Padre Alderi — pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde, que celebra a Festa de São Pedro dos Pescadores no dia 29/06, anualmente — e permanece no altar, onde os devotos podem fazer suas preces e agradecimentos olhando para o santo. Ao som acolhedor das canções cantadas com veemência pelos fiéis que ali aguardam a chegada do santo, a procissão se aproxima até a imagem de São Pedro descansar no altar (figura 3).



Figura 3: Procissão carregando o andor com a imagem de São Pedro



Fonte: acervo do autor, 2014

Antes do início da missa, o padre agradece pela vinda dos devotos para a manifestação e pergunta onde os participantes residem. A força do litoral é visível, dentre os vários bairros citados, a presença massiva dos bairros que compõem a orla de Fortaleza e algumas cidades próximas, também litorâneas, como Paracuru e Iguape

Acreditamos que os indivíduos participantes do festejo atuam (também) como símbolo do mesmo. No caso desta manifestação, os pescadores utilizando adereços que representam a pesca no bairro, com as vestes tradicionais do pescador do Mucuripe têm uma simbólica representatividade na festa. Chamam a atenção dos fiéis e de quem está de passagem no local. Muitos transeuntes registram através de fotos e vídeos a festa e seus símbolos, como os pescadores e as jangadas. Um fato pertinente a ser citado é a enorme quantidade de pessoas que param no local, apenas por curiosidade, observando e registrando a festa por alguns instantes até retornar aos seus afazeres. Se este movimento ocorre em menor proporção nos outros dias (ou não ocorre), no último dia dos festejos, a quantidade de curiosos é abundante. Em conversa com alguns deles, sobre o porquê de estarem ali, alguns citaram o fato de ser um evento religioso, mas a maioria respondeu estar fascinada com o espetáculo.

Num dado momento, os pescadores retornam da praia em direção à missa campal, com peixes frescos em suas mãos e os levam até o altar, para que o padre ofereça ao santo como oferenda. O simbolismo entre o mar e São Pedro dos Pescadores impregna a paisagem festiva produzida durante a festa.

Durante o decorrer da missa campal observamos uma quantidade significativa de emissoras fazendo a cobertura midiática da celebração para telejornais. O Padre Alderi relembrou a história da igreja de São Pedro dos Pescadores e a sua relação com Nossa Senhora da Saúde e o bairro Mucuripe.. A celebração continua até que, por volta das dez horas da manhã o pároco inicia os rituais que finalizam o festejo no calçadão, que continua na faixa praia do Mucuripe.

Neste horário, um pequeno grupo de pescadores se aproxima do altar, ao final da missa, para carregar o andor com a imagem de São Pedro dos Pescadores em direção ao mar. Os devotos acompanham os homens do mar no trajeto, tentando tocar na imagem do santo protetor e cantando as canções em louvor ao pescador de homens. O clássico “foguetório” que ocorre durante a ida da imagem até o mar, mais uma vez ocorreu para a alegria dos devotos: dois indivíduos dispararam uma sequência de fogos de artifício para celebrar a entrada da jangada que carrega a imagem no mar. Ao chegar próximo às águas do Mucuripe uma jangada aguarda a chegada da imagem para dar início à procissão marítima (figura 4).

Figura 4: Transporte da imagem até a jangada para a procissão marítima.



Fonte: acervo do autor, 2014.

A imagem de São Pedro dos Pescadores é colocada com muito cuidado numa jangada, a qual alguns pescadores e bombeiros conduzem no mar, realizando um trajeto que consiste em navegar circulando por algumas jangadas paradas próximas ao litoral (figura 5). Da areia, os devotos cantam e aguardam o retorno da imagem do santo para a terra firme, pra que então ela possa ser levada de volta à Igreja de São Pedro, encerrando assim as comemorações ao santo protetor dos pescadores.

Figura 5: procissão marítima.



Fonte: acervo do autor, 2014.

Faz-se necessário um breve diálogo entre imagem, imaginação e paisagem festiva para que possamos evidenciar as nuances da imagética das festas religiosas e sua importância para a ritualística dos festejos.

### **Entre imagens e significados**

O conceito de imagem trabalhado nesta pesquisa constitui-se na função da imagem nos arquétipos, abordados pelo psicólogo Carl Gustav Jung (1875-1961) e pelo antropólogo Gilbert Durand (1921-2012). A imagem-símbolo discutida aqui está presente em suas respectivas obras “O homem e seus símbolos” (2008) e “As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral” (2002). Analisaremos as imagens produzidas no festejo estudado tendo como base a seu potencial imagético, assim como a imagem a partir da iconografia, revelando em que ponto estas imagens constituem o imaginário religioso do bairro Mucuripe.

A imagem enquanto símbolo, presente nos arquétipos de Jung e Durand, se constitui como um componente fundamental na construção da paisagem festiva. Mas precisamos observar que a palavra imagem abrange muitos significados distintos, enquanto substantivo e adjetivo. Vislumbrando as interpretações da palavra imagem, vejamos o que nos diz o

dicionário da língua portuguesa, observando os múltiplos significados desta palavra no início do século XX com Figueiredo (1913, p. 1080):

s. f. Aquilo que imita pessoa ou coisa. Representação por desenho, gravura ou escultura. Semelhança. Representação. Reflexo de um objeto na água, num espelho, etc. Reprodução na memória. Símbolo. Impressão de um objecto no espírito. Estampa, que representa assunto religioso. Estampa ou escultura, que representa divindade fabulosa, ou personagem santificada entre os Christãos. Descipção. Reprodução, por meio de phenómenos luminosos.

Dentre as diversas interpretações e identificações da palavra imagem, podemos conjecturar a ideia da imagem enquanto algo imaterial. Também é notória a presença das palavras representação e reprodução em muitos dos significados apresentados. Partindo dos verbetes acima, podemos perceber a imagem como um símbolo material e como um fenômeno espiritual. Contudo, fica evidente que esta espiritualidade citada não envolve, diretamente, uma materialidade.

A imagem, com seu potencial de interpretações, pode ser agrupada nestes dois grupos. No primeiro caso de acordo com os estudos iconográficos e iconológicos; no segundo caso partindo das discussões filosóficos e antropológicos, respectivamente. Durand (2002, p. 21) enfatiza que “o pensamento ocidental e especialmente a filosofia francesa tem por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação, ‘fomentadora de erros e falsidades’”. Esta negligência do ocidente nas pesquisas sobre a imagem é severamente criticada por Sartre (1973) numa reflexão sobre o que ele chama de “psicologia clássica”.

Sartre dialoga uma perspectiva não articulada pelos psicólogos tradicionais. Para o autor a apreensão da imagem como uma imagem, e formar pensamentos sobre a natureza das imagens, de maneira geral, eram dois processos diferentes, mas que não se excluíam. Em contrapartida, a psicologia tradicional observa este objeto de forma semelhante à cópia do objetivo, como o mimetismo apontado por Platão. Sartre denomina essa coisificação da imagem, como uma metafísica ingênua da imagem.

Pensando nesta imagem em dois planos diferentes, assim como nos verbetes do dicionário, observamos uma imagem numa perspectiva material e a mesma num plano de fomentar os processos imaginativos, em outras palavras, percebemos uma imagem significativa e com significado (LACAN, 1985). Partindo de Jung, observamos um movimento do psicólogo para destrinchar o exercício da experiência, ou melhor, da vivência do indivíduo. O autor indica

quatro tipos funcionais em que a consciência se orienta em relação ao vivido: a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição. Para Jung (2008, p. 74),

O sentimento, de acordo com essa definição, não é uma emoção (que é involuntária). O sentir, na significação que dou à palavra (como pensar), é uma função racional (isto é, organizadora), enquanto a intuição uma função irracional (isto é, perceptiva). (...) A sensação (isto é, a percepção sensorial) nos diz que alguma coisa existe; o pensamento mostra-nos o que é esta coisa; o sentimento revela se ela é agradável ou não; e a intuição nos dirá de onde vem e para onde vai

Vislumbramos, em Jung, que a dinâmica entre vivido, imaginário e imagem é um processo racional e irracional. É confuso, a priori, pensar esta perspectiva, e Jung foi criticado por alguns pensadores. Cassirer criticou deliberadamente as considerações da psicanálise sobre a imagem enquanto símbolo. Durand (1988, p. 58), mediando a crítica de Cassirer, afirma que: “Não se trata absolutamente de interpretar um mito ou um símbolo, procurando uma explicação cosmológica pré-científica, ou ainda, reduzir o mito e o símbolo a forças afetivas, como faz a psicanálise”. A crítica de Cassirer é intrigante, mas muitos estudiosos afirmam que a contribuição da psicanálise, principalmente de Freud, Jung e Lacan, provocou uma mudança de fato no modo de pensar a imagem e o símbolo. Eliade (1952, p. 17) aponta que

Entender a imagem como um signo, com as funções do signo, é limitar o potencial do imaginário e da imaginação. Este efeito dominó tornaria nossa pesquisa, pensando na ótica de Sartre, enquanto uma análise bastante superficial da paisagem, tendo em vista a imagem como um signo arbitrário.

Neste caso, entender a imagem para além das utilizações do signo, como Oliveira (2009, p. 56), viabiliza nossa análise, buscando as motivações da reprodução dos signos: “O processo de signação percorre uma compreensão interpretativa, mas também indica para este momento a possibilidade de uma compreensão interativa. Em outras palavras, podemos afirmar que a signação busca uma significação”. Certamente este autor trata da semiótica na educação, mas entender este movimento signico nesta pesquisa é pertinente para compreendermos a paisagem festiva e os símbolos que compõem o ritual sacroprofano.

### **O imaginário das paisagens festivas**

Partindo da reflexão sobre o surgimento da New Geographie Cultural e aprofundando em torno da categoria paisagem, fica evidente as diversas formas de compreender a paisagem. Subsidiados por Andreotti (2013), Maia (2011) e Holzer (1999), foi possível observar que, com os estudos sobre esta categoria desenvolvidos na chamada Geografia Cultural, as subcategorias

de paisagem, grosso modo, tem um mesmo componente chave: o imaginário, em todas as suas potencialidades. Entendemos esta paisagem, enquanto conceituação geral (cultural) e específica (festiva) como uma complementaridade.

Nesta perspectiva, a emoção é a variante que configura a paisagem festiva, podendo estar explicitada individual e/ou coletivamente. Em ambos os casos, o fator emocional está atrelado (não somente) ao imaginário individual/coletivo e ao campo imagético das manifestações. As ciências sociais já desenvolviam trabalhos sobre estes temas, mas depois das obras de Jung (2008) Freud (1913) e Lacan (1985), o potencial destes conceitos nas ciências humanas se expandiu e foi repensado pelos teóricos, como afirma Lopes (2010, p. 27):

Tanto Jung, com o conceito de arquétipos, quanto Lacan, em sua definição das formações do inconsciente, contribuíram para que o sentido da subjetividade da consciência ganhasse consistência teórica na análise social, além do fato incontestável de que as investigações desses autores passaram pelo estudo da consciência religiosa: Freud, em *Totem e Tabu*, Lacan, em *Escritos*, e Jung, em *O homem e seus símbolos*. (grifos do autor)

Para subsidiar este trabalho, abordamos os estudos de Durand (1988; 2002), e a análise da relação da emoção presente na paisagem festiva e sua articulação em torno da relação entre mito, ritual e símbolo (não somente, mas principalmente). Três conceitos são essenciais na observação do imaginário para a compreensão da paisagem festiva, enquanto fenômeno. Dialogando com a obra de Braga (2007, 60), destrincharemos os significados de imaginação, imaginário e imaginal. Segundo o autor, “a imaginação é termo tradicional que designa a função do espírito que os gregos chamavam de phantasia. Phantasia ou eikasia é a capacidade de produzir imagens mentais. Aristóteles considera a imaginação enquanto resultado da sensação (aesthesis) e do pensamento (dianoia). As interpretações desse conceito entre os filósofos não fugiam desta perspectiva. As “imagens das imagens como coisas reais”, ou miméticos de Platão, foram assumidos por Aristóteles, na reflexão sobre a imaginação. Assim, pode-se perceber a emoção ou a alteração de sentimentos sobre algo, como base da legitimação das imagens presentes nos rituais para compor as paisagens festivas.

A feliz apropriação da psicanálise sobre o imaginário, em destaque em Lacan (1985), que agrega os conceitos de real, imaginário, simbólico, significante e significado, permitiu o enriquecimento das discussões sobre o imaginário. Partindo dos debates dos psicólogos mencionados, a Geografia desperta de fato para as discussões envolvendo as categorias geográficas e os conceitos que foram repensados por Freud, Lacan e Jung, em destaque.

Tuan (2005) em sua obra “Paisagens do medo”, adentra a esta complexa redescoberta das paisagens, atribuindo ao medo, enquanto sensação à construção da paisagem. Para o autor, existem dois componentes que se desenvolvem no inconsciente, o que ele chama de “sinal de alarme” e “ansiedade”. Tuan indica que o sinal de alarme é despertado por algum evento inesperado e impeditivo, em que o animal se vê condicionado a apenas duas reações: fugir ou lutar. A ansiedade configura-se enquanto um sentir-se estranho ou estranheza ao local; Tuan (2005) a categoriza, evidentemente influenciado pelos atos de sentir e imaginar, como um pressentimento do perigo quando não existem circunstâncias reais que justifiquem o medo. As paisagens passam a ser entendidas também de forma subjetiva e intuitiva, como indica Tuan (2005, p. 12):

O medo existe na mente, mas, exceto nos casos patológicos, tem origem em circunstâncias externas que são realmente ameaçadoras [para o indivíduo]. “Paisagem”, como termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável.

Eric Dardel, outro geógrafo que arquiteta a ciência geográfica levando em consideração a potencialidade da subjetividade, demonstra o diálogo entre paisagem e imaginário em sua aclamada obra *L’homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Este livro é tido para muitos pensadores da chamada geografia humanista como uma ressignificação da Geografia enquanto ciência, em que a sensação e a imaginação são componentes fundamentais da sua percepção do espaço e suas modificações. Eduardo Marandola Jr. explicita que a obra do autor francês estava muito à frente do seu tempo, e mesmo após sessenta anos da sua publicação a perspectiva de Dardel ainda é uma fonte imprescindível em trabalhos fenomenológicos.

Unifica-se em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: A terra com lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2011, p.31)

A influência de Dardel perpetuou e impulsionou os estudos envolvendo o imaginário e a imagem na compreensão das paisagens por outros geógrafos, e continua a influenciar até hoje. Mas por que o debate do imaginário se faz necessário no estudo das paisagens festivas?

Visto que a paisagem festiva se configura como tal devido à variante da emoção, torna-se fundamental entender a dinâmica presente entre esse tema, o imaginário e a imagem. Para Tuan (2005, p. 11): “A variação emocional é um indicador da complexidade do sistema nervoso

e, portanto, de forma indireta, da mente”. Tuan busca identificar a potência do imaginário enquanto um fator primordial na variação emocional. A lacuna na obra do geógrafo humanista é (ironicamente) o medo. Na sua obra “Paisagens do medo”, o medo é utilizado pelo autor na sua análise, porém Tuan se limita a este sentimento, mas se observarmos as entrelinhas de sua obra, percebemos como o imaginário reproduz o medo, ficando em evidência no capítulo em que a formação e o medo na criança são discutidos pelo geógrafo.

Tuan debate o tratamento das crianças em diversas populações e conclui que os bebês normalmente sentem medo dos pais. A razão deste sentimento se configura por um movimento de criação (ou despertar) do medo através de torturas, aparelhos que limitam o livre arbítrio da criança, ou, no pensamento ocidental do século XX e XXI, as palmadas, caretas e atribuição de palavras que incitam o medo numa tentativa de repor a ordem desestruturada pelos descobrimentos do bebê. Esses processos impulsionam a criação de medos fantasiosos atribuídos às imagens faladas e encenadas pelos pais. Por que não pensar este exercício como, grosso modo, a imaginação produtiva ou transcendental, indicada por Kant? O exemplo da ilha de Bali, apontado por Tuan (2005, p. 49) representa bem nosso pensamento:

Na Ilha de Bali, quando uma criança aprende a andar, suas escapadas de casa são controladas pelas caretas de terror da mãe. Ela chama de volta fazendo ameaças com diferentes palavras: “tigre!”, “polícia!”, “cobra!”, “cocô!”. O resultado de tais dramáticos sinais de advertência é que a criança aprende a associar espaços abertos com monstros escondidos.

Desta maneira, estamos lidando com uma intuição criada de forma não natural, afinal os bebês não vivenciaram as ameaças que eram utilizadas como punição por seus responsáveis. Yi-fu Tuan e Eric Dardel são apenas dois exemplos de como a (re) descoberta do imaginário potencializou e ressignificou os conceitos geográficos, em especial o de paisagem. Observamos este movimento não apenas nos geógrafos entendidos como “culturalistas”, mas também em outras escolas do pensamento geográficos. Harvey (1980, p. 20) faz a seguinte provocação: “Se desejarmos entender o espaço, precisaremos considerar seus significados simbólicos e a complexidade de seu impacto sobre o comportamento, já que este está intimamente ligado ao processo cognitivo”

O imaginário age potencialmente na formação e reprodução das sensações e sentimentos, como Tuan explica (acreditamos que) sem se dar conta. Amparando os componentes do “tripé conceitual” da paisagem festiva — mito/ritual, emoção e indivíduos — o imaginário tem papel fundamental, como elo entre os elementos deste tripé.



O mito se configura enquanto a palavra, a história. A relação dinâmica existente entre o mito e o ritual e sua influência no comportamento dos indivíduos é algo indiscutível, segundo Meslin (1978) em sua obra *Aproximación a una ciencia de las religiones*. Contudo, enquanto se tem certeza de que ambos atuam juntos no imaginário individual e coletivo, ocorre um debate denso entre os antropólogos e os historiadores da religião: qual precede o outro? Seria o mito uma representação imaginária e simbólica dos rituais preexistentes, ou, pelo contrário, os ritos são uma concretude dos paradigmas escritos nas entrelinhas das histórias míticas?

Eliade (1963, p. 11) não se compromete em estabelecer uma única definição ou função para o mito, segundo o autor: “a [definição] menos imperfeita, por ser a mais ampla, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. Contudo, nesta pesquisa, vislumbramos o mito na perspectiva da linguagem, da história contada, do discurso. O saber mítico, nesta condição, mostra-se presente em algumas religiões do ocidente, a exemplo do cristianismo. Na Bíblia Sagrada observamos o poder do mito em algumas passagens, entre elas em João 1.1-5: “No princípio era o Verbo, e o verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam”. Esta citação nos permite observar o mito, a palavra, e sua aparição precedendo a criação, no caso, o ritual, enquanto ação. Geertz (2008, p. 93) nos mostra como eles estão relacionados na devoção do festejante, quando afirma:

Os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou uma serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia

O saber mítico presente nas festas religiosas integra a paisagem festiva, articulando-se juntamente com o ritual na construção do festejo de maneira complementar. As imagens produzidas nos festejos compõem a dinâmica do estímulo/criação das emoções que afloram na festa e compõem a paisagem festiva. É nessa mitologia cristã, principalmente, que percebemos as motivações das celebrações estudadas aqui, um saber mítico fluido e distante de cristalizações, concordando com Maia (2011, p. 24), quando o autor aponta que

Não podemos reduzir o mito à certos elementos estáticos fixos, mas procurar apreendê-lo em sua vida interior, em sua mobilidade e versatilidade, em seu princípio dinâmico”. A seu ver, para apreender esta vida interior do mito há

que se relevar o problema sob “um ângulo diferente. O mito, por assim dizer, tem duas caras: de um lado, mostra-nos uma estrutura conceitual; de outro, uma estrutura perceptual.

### **A festa de heróis: viva São Pedro!**

Na mitologia cristã, Pedro encontra Jesus na primeira pesca milagrosa, quando este o torna seu seguidor e um pescador de homens. A prática da pesca é marca do bairro Mucuripe e se reproduz até hoje, em escalas distintas, e a valorização desta prática é representada na festa de São Pedro dos Pescadores. A estrutura heróica já se manifesta no saber mítico da festa e do santo. Quando Pedro larga sua vida de pescador e sua família para seguir Jesus, ele realiza a “jornada heróica” vislumbrando a exaltação do bem, sacrificando seus laços afetivos para auxiliar Jesus a salvar os homens.

Fazendo uma reflexão, a prática da pesca em alto mar por si só já constitui uma analogia à jornada do herói. Quando o pescador sai da sua casa e deixa sua família para pescar, conseqüentemente se aventura a navegar e está propício aos perigos que o mar oferece. Lembramos que apesar da água ser o líquido da vida, precisa-se destacar que, simultaneamente, se constitui como um perigo eminente da morte, refletindo afogamentos, a ameaça dos animais que residem no mar e as catástrofes naturais envolvendo o oceano. “O homem que pode dispensar a água não deixa de sofrer com ela” (DURAND, 2002, p. 96).

As preces para a proteção divina contra o mar ameaçador não cabem apenas aos pescadores. Durante a vivência do festejo, observamos forte presença feminina no festejo, onde conversamos com algumas destas e muitas eram esposas, filhas e parentes de pescadores, outras afirmaram estar ali porque seu pai era devoto do santo. Buscando subsídio na arte, podemos perceber na música Suíte de pescador, de Dorival Caymmi (1957) o laço familiar do pescador com a divindade que o protege e permite uma boa pesca:

Minha jangada vai sair pro mar. Vou trabalhar, meu bem querer. Se Deus quiser quando eu voltar do mar. Um peixe bom eu vou trazer. Meus companheiros também vão voltar. E a Deus do céu vamos agradecer. Adeus, adeus. Pescador não se esqueça de mim. Vou rezar pra ter um bom tempo, meu bem. Pra não ter tempo ruim. Vou fazer sua caminha macia. Perfumada de alecrim

Nessa canção, o poeta mostra uma despedida do pescador e da sua companheira antes do homem sair para pescar. Enquanto a esposa reza e pede a proteção do marido, este fala da permissão de Deus para que ele volte do mar e o auxílio da divindade para ter sucesso na pesca,

dizendo agradecer quando retornar da atividade. Podemos perceber devoção semelhante dos pescadores e familiares destes durante os rituais do festejo

O início do festejo no dia 29 de junho é marcado pela procissão que carrega o andor com a imagem de São Pedro dos Pescadores para o altar da missa campal no calçadão da Avenida Beira Mar. Alguns pescadores, trajados tradicionalmente com a roupa utilizada para a prática da pesca e o chapéu de palha, acompanham a procissão, caminhando à frente do andor, onde os participantes carregam a imagem de São Pedro dos Pescadores pela orla, cantando em louvor ao santo protetor, para, no altar, a imagem permanecer ao lado do padre durante o festejo.

O ambiente sacroprofano, então, continua a ser recriado. Além dos devotos e organizadores, alguns turistas e desconhecedores do festejo observam a curiosa manifestação, registrando através das lentes de suas câmeras fotográficas e/ou participando dos cânticos entre os devotos. Alguns entrevistados informaram ser a primeira vez que participavam da celebração

Outros devotos aguardam a procissão no local onde ocorre a missa campal e quando a imagem se aproxima, os cânticos começam a se fortalecer. Os vetores da paisagem festiva afloram com o início da manifestação, muitos participantes tocando a imagem de São Pedro dos Pescadores no trajeto para o altar, o grande dia de celebrar coletivamente as graças e proteção realizadas pelo santo, os símbolos em homenagem ao santo protetor, que permite ao pescador retornar da jornada exaustiva e incerta do mar. “A canção dolente fala disso. “É doce morrer no mar, nas águas verdes do mar’. Não é assim que pensam e falam as viúvas dos muitos pescadores que se afogaram, deixando na orfandade e na miséria mulher e quase sempre um punhado de filhos” (GIRÃO, 1998, p. 79).

A paisagem festiva produzida neste festejo engloba não só o local onde ocorre a missa campal. Na faixa de praia muitos pescadores participam da festa à sua maneira, trabalhando o pescado, sentados nas jangadas observando atentamente o discurso do padre, acompanhando as canções em louvor a São Pedro dos Pescadores.

A estrutura heróica não se manifesta apenas nos símbolos da festa. No decorrer do festejo, o padre Alderi conta o mito de Pedro, o pescador de homens, e o seu sacrifício para permanecer ao lado de Jesus em sua jornada, se tornando instrumento da divindade. O pároco, ao contar a história de Simão Pedro, faz uma analogia relacionando o pescador com o devoto e mostra que todos os homens podem também se tornar instrumentos da vontade divina, à sua maneira.

Alguns cânticos deste ritual religioso também exaltam o acontecimento da pesca milagrosa e da proteção divina que permite ao pescador ir e retornar do mar após a prática da pesca, enfatizando os perigos que o oceano abriga:

Há um barco esquecido na praia. Já não leva ninguém a pescar. É o barco de André e de Pedro. Que partiram pra não mais voltar. Quantas vezes partiram seguros enfrentando os perigos do mar. Era chuva, era noite, era escuro. Mas os dois precisavam pescar. De repente aparece Jesus. Pouco a pouco se acende uma luz. É preciso pescar diferente. Que o povo já sente que o tempo chegou. E partiram sem mesmo pensar. Nos perigos de profetizar. Quantos barcos deixados na praia. Entre eles o meu deve estar. Era o barco dos sonhos que eu tinha. Mas eu nunca deixei de sonhar. Quanta vez enfrentei o perigo. No meu barco de sonho a singlar. Jesus Cristo remava comigo. Eu no leme, Jesus a remar.

A água constitui a simbologia nictomórfica deste festejo. Apesar de ser o ambiente onde o pescador se alimenta e garante sua renda financeira, ele se arrisca a todo tempo durante o exercício da profissão. Esta ameaça da água faz com que exerça a função simbólica do perigo, da obscuridade. A simbologia antagônica responde na valorização do vetor vertical, nos símbolos de ascensão. A jangada permite ao pescador estar “sobre o mar”, o que ameniza as ameaças, mas não as descarta, afinal os perigos são situações imagináveis quando o indivíduo se encontra submerso, como os afogamentos e os ataques de animais. Dessa forma o pescador cumpre sua jornada heróica de ir e voltar da pesca.

O homem por si só é um ser simbólico. Nessa perspectiva, Simão Pedro (ou São Pedro dos Pescadores) representa também um símbolo da estrutura do herói. Lembremos que a arma do herói é material e/ou simbólica. Destacamos que as imagens percebidas no festejo podem adquirir significados variados. O que se torna visível com a vivência da festa é a estrutura heróica que caracteriza o festejo, por suas imagens constituírem — apesar das possíveis divergências de significados entre os indivíduos por conta da motivação do símbolo (DURAND, 2002) — a estrutura vitoriosa do herói pescador.

## **Conclusão**

Compreender as paisagens festivas, significa, também, identificar a representatividade das imagens que compõem estas paisagens, carregadas de saberes populares e de mitologias que constroem e se reproduzem nas manifestações religiosas.

Observamos, através da verificação epistemológica da imagem e do imaginário, com ênfase na obra de Durand, as estreitas relações interdependentes entre a Geografia Cultural — principalmente com as contribuições da renovação da psicologia, apoiadas em Freud, Jung e

Lacan — e as ciências sociais no processo de releitura dos conceitos geográficos, potencializando as investigações através da subjetividade impregnada no espaço. Essa interdisciplinaridade no aporte teórico forneceu-nos subsídio para investigar os festejos de São Pedro dos Pescadores e de Nossa Senhora da Saúde através das imagens e símbolos produzidos nas paisagens festivas

A relação entre a imagética das manifestações estudadas, apoiada na obra de Durand e o imaginário religioso do litoral fortalezense pôde nos mostrar a motivação simbólica e emotiva que impulsiona a reprodução dos festejos. Essas imagens, partes integrantes das paisagens festivas, contribuem para a ressignificação e legitimação das festas na cultura dos indivíduos, impulsionando movimentos de perpetuação, modificação, renovação e até a extinção do festejo.

## Referencias

- ANDREOTTI, G. **Paisagens culturais**. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- BRAGA, C. "Imagination", "imaginaire", "imaginal": Three concepts for defining creative fantasy. **Journal for the Study of Religions and Ideologies**, Romênia, nº 16, 2007. p. 59 – 68.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DURAND, G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Editions Gallimard, 1952.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1963.
- FREUD, S. Totem e tabu. In: SOUZA, P. C. de. **Obras completas de Sigmund Freud**; trad. Dr. J.P. Porto. Rio de Janeiro: Delta, v. 14, 1913. p. 49-239.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIRÃO, B. **Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson**. Fortaleza: Fundação Demócrito rocha, 1998.
- JUNG, C. G. [et al]. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 149-166.
- LACAN, J. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- LOPES, J. R. **A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- MAIA, C. E. S. Paisagens festivas e interações mítico-ritualísticas em práticas tradicionais do catolicismo popular. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, nº 30, p. 19-34, jul/dez, 2011.
- MESLIN, M. **Aproximacion a uma ciência de las religiones**. Madri: Ediciones Crisandad, 1979.
- OLIVEIRA, C. D. M. de. **Sentidos da Geografia escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- RAMOS, L. da C. **Mucuripe: Verticalizações, mutações e resistências no espaço habitado**. 2003. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente) Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

SILVA, José Borzachiello da. **Os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.  
TUAN, Yi-fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.